



O Ovo da Serpente: junho de 2013 produtor do Bolsonarismo?

Andre Ramatis¹

Resumo

Resenha da primeira edição do livro “O ovo da Serpente: Nova Direita e Bolsonarismo: Seus bastidores, personagens e a chegada ao poder” de Consuelo Dieguez, publicado em 2022 pela Companhia das Letras.

Palavras-chave: Bolsonaro, Junho de 2013, Bolsonarismo, Nova direita, Militares.

El huevo de la serpiente: ¿junio de 2013, productor del bolsonarismo?

Resumen

Reseña de la primera edición del libro “El huevo de la serpiente: Nueva derecha y bolsonarismo: sus bastidores, personajes y la llegada al poder” de Consuelo Dieguez, publicado en 2022 por Companhia das Letras.

Palabras-clave: Bolsonaro, Junio de 2013, Bolsonarismo, Nueva Derecha, Militares.

The Serpent’s Egg: Was June 2013 the Breeder of Bolsonarism?

Abstract

Review of the first edition of the book “The Serpent’s Egg: New Right and Bolsonarism – Behind the Scenes, Key Figures, and the Rise to Power” by Consuelo Dieguez, published in 2022 by Companhia das Letras.

Key words: Bolsonaro, June 2013, Bolsonarism, New Right, Military.

Consuelo Dieguez, jornalista vinculada à Revista Piauí desde 2007, lançou em 2022 o livro “*Ovo da Serpente: nova direita e bolsonarismo – seus bastidores, personagens e a chegada ao poder*”. Ao longo da obra, Dieguez busca demonstrar como se desenvolveu a candidatura de Jair Bolsonaro, processo que, segundo a autora, se tornou possível a partir dos acontecimentos de junho de 2013. São analisados os principais autores que contribuíram,

¹ É graduado em ciências sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com ênfase em Ciência Política. Atualmente é mestrando pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), com bolsa CNPq, no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP). E-mail: andreramatis04@gmail.com

direta ou indiretamente, para a construção da campanha, as manifestações de 2013 e os primeiros instantes do governo Bolsonaro (2019-2023). São retratados com particular vigor momentos considerados críticos, como o atentado sofrido pelo candidato Jair Bolsonaro em Juiz de Fora (MG), em 2018, além de episódios de intimidade e conflito entre Bolsonaro e sua *entourage* — especialmente Gustavo Bebianno, Paulo Guedes, seus filhos, a família Marinho, e demais apoiadores.

A relevância do livro de Dieguez para o campo das ciências sociais se deve ao fato de seu trabalho ter uma ambição dupla: 1) fazer revelações sobre os bastidores da ascensão da “nova direita” e das figuras íntimas ao bolsonarismo; 2) realizar uma associação direta entre as manifestações de junho de 2013 e a eleição de Jair Bolsonaro. Neste ponto, o relevo histórico e os reflexos, ainda em disputa, dos protestos de 2013 são objeto de polêmica em variadas áreas das ciências humanas. O texto é mesclado entre a busca do candidato Bolsonaro por apoio, com enfoque na leitura de mudanças na política, suas ações para angariar apoios e os momentos de *off* desse esforço. São destacados cinco grupos que Bolsonaro conseguiu exitosamente se aproximar: 1) militares; 2) evangélicos; 3) os “donos” do PSL; 4) “poder econômico”; 5) e o agronegócio.

O primeiro capítulo do livro, “*O ovo da serpente*”, diz respeito a junho de 2013². Os protestos do Passe Livre surgiam na quadra histórica de críticas à política econômica do primeiro governo Dilma, às embrionárias investigações da Lava-Jato e ao processo de construção de estádios para a Copa do Mundo de 2014. Diante do escalar das manifestações e dos confrontos entre polícia e manifestantes é mencionado o “surgir” dos *Black Blocs* (p. 31), no dia 17, e é observado com mais atenção a presença de protestantes de direita, sendo essa a grande diferença daqueles eventos para outros protestos do passado (*Idem*). São mapeados, inclusive biograficamente, os manifestantes que seriam importantes ao longo da militância para a candidatura de Bolsonaro, Olavo de Carvalho é o elo de formação - virtual - desses jovens que se organizariam em instituições como Instituto Mises, LIVRES, VEM PRA RUA, MBL, entre outras, com o intuito de mudar o Brasil. Tais agentes conformariam futuramente a “nova direita” (p. 51), conceito este sem definição na obra.

Os capítulos 2 “Brasil acima de tudo” e 3 “Deus acima de todos” tratam sobre a busca de Jair Bolsonaro em conseguir os primeiros apoios para a candidatura à presidência, ainda em 2015. Primeiro entre seus antigos pares, os militares, e a posteriori entre os setores

² A alusão no título é referência ao calendário chinês, que tinha em 2013 o ano da serpente - nesse sentido, Dieguez se afasta da interpretação de outros autores que também configuram as referidas manifestações enquanto “ovo da serpente”, mas por outras razões.

evangélicos. O movimento óbvio seria cultivar apoio entre seus colegas de parlamento, Bolsonaro já tinha quase 30 anos de Congresso Nacional, contudo, sua busca inicial foi por membros das forças armadas - muito por conta de sua condição de parlamentar pouco estimado entre seus pares (p. 57-58) - de onde surge a usurpação do lema dos paraquedista: “Brasil acima de tudo”. O apoio dos militares ao deputado era custoso, parte importante dos quadros da caserna acreditavam que o Brasil de fato necessitava mais do que nunca de moralidade, a Lava-Jato era incontornável na imprensa, e tinham a crença que a disciplina militar seria benfazeja no cenário de escândalos de corrupção dos governos do PT e de escalada de insegurança pública. O problema em questão seria o próprio Bolsonaro, seu jeito bronco e desconhecedor de temáticas caras aos setores mais elevados das forças. Sua aderência somente mudou de forma, angariando mais apoio, quando o General Augusto Heleno se engajou em sua campanha, figura de singular liderança entre os militares. As Forças Armadas já estavam em um processo de se integrar novamente na política nacional, a Comissão Nacional da Verdade, iniciada durante os governos Dilma, foi lido como uma traição; demais eventos demonstram a inclinação dos militares em retornar a política: a tomada do Complexo do Alemão liderada pelo Exército (2010), a intervenção militar no Estado do Rio de Janeiro (2018) e “tuíte da ameaça” (p. 73) do General Villas Bôas em 2016, na véspera do julgamento do *habeas corpus* do ex-presidente Lula.

Outro agrupamento que Bolsonaro logrou apoio foi com os evangélicos - sobretudo em grupos pentecostais e neopentecostais (p. 76). Nesse sentido, um importante momento de transição foi a conquista da Comissão de Direitos Humanos pela Bancada Bíblia, quando a Comissão passou a ser presidida por Marco Feliciano (SP), em 2012. A tomada desta comissão que usualmente era comandada por partidos de esquerda, agora liderada pela “igreja”, seria um palco de batalhas contra a “ideologia de gênero” (p. 82), um importante espaço para a defesa de pautas conservadoras. Bolsonaro, que não era *habitué* em pautas da fé, era o único estrangeiro a defender Feliciano, o que lhe rendeu prestígio entre os fiéis. Ciente da ampliação de seu escopo enquanto parlamentar, o ex-capitão até seria batizado por Pastor Everaldo (candidato à presidência em 2014) no Rio Jordão, em Israel (p. 84).

O primeiro a defender Bolsonaro na grande imprensa enquanto um candidato sério foi Paulo Guedes, àquela altura colunista do *O Globo*. Era custoso ser lido enquanto um verdadeiro concorrente. Em sua tentativa de alterar a imagem, Bolsonaro circulava suas ideias em eventos internacionais de conservadores. Segundo a autora, tanto a imagem de Bolsonaro, quanto sua proximidade com Guedes (fiel ministro e balizador de sua aceitação na Faria-Lima) foram mediadas por empresários. Winston Ling (interlocutor de

Bolsonaro-Guedes), Meyer Nigri, Luciano Hang, Gerald Brandt, Otávio Fakhoury etc., foram indispensáveis para aproximar o deputado do baixo clero com os interesses do “poder econômico” (tal como referido por Dieguez). Por mais que o candidato não fosse o sonho de nenhum empreendedor, essa articulação lhe balizou apoio no segundo turno (p. 171).

Se para o setor financeiro foi necessário um grande esforço de articulação e um membro nato do mercado para referendar a validade da candidatura, para o agronegócio a situação era muito mais formidável. Logos nos primeiros sinais de validação na caserna e nos templos, Bolsonaro alimentava suas redes com memes e, mais que isso, aceitava (quase) todos os convites para eventos que vinham de sua base no *Facebook* e *Whatsapp*. Ao pousar no aeroporto era festejado como um herói de guerra. No Brasil profundo, em contato com os produtores, o discurso foi comprado em sua integralidade. Se o governo se esforçava em equilibrar interesses do MST com os interesses da Bancada da Boi, o candidato vislumbrou apenas um lado: prometeu aliviar com as dificuldades para se armar, romper o Código Florestal, viabilizar a saída do Acordo de Paris e fomentar o Marco Temporal. O sentimento do contingente propício a votar em Bolsonaro era de que o campo estava em guerra, o candidato tomou lado e foi laureado. Tereza Cristina, ex-ministra de Bolsonaro, filha de uma longa linhagem de senhores do agro, estava coligada com a candidatura de Alckmin (PSDB) no início de 2018, sua mudança de apoio para Bolsonaro se deve a sua base, sua própria candidatura ao Congresso estava ameaçada (p. 239-241)

Por fim, o texto possui mérito ao remontar a biografia do candidato Bolsonaro, são expostas minúcias e aspectos prosaicos na sua vida pré Planalto, situações como crises de ansiedade na frente das câmeras e momentos de paranoia com seus “soldados”. Nas formulações mais pertinentes ao estudo da política, entretanto, o enxergam-se alguns problemas que podem ser sistematizados em três tópicos:

1) A ligação proposta no título da obra entre as manifestações de 2013 e a ascensão de Bolsonaro é realizada apenas pelas *escolhas racionais* de Bolsonaro. Eventos de grande notoriedade na última década como o *impeachment* de 2016, da Lava-Jato, governo Temer etc., são ofuscadas teleologicamente por ações tidas como corretas do candidato: fugaz leitura sobre os acontecimentos de junho, escolha e cooptação do partido, formação de equipe, descarte de possíveis nomes à vice-presidência, preposto de Paulo Guedes... De modo que a única ligação efetiva entre Bolsonaro e as manifestações são os militantes à direita que engrossaram as fileiras do bolsonarismo em 2018, ambos cultivados ideologicamente a Olavo de Carvalho, não a Bolsonaro;

2) É destacado sobremaneira a relação que Jair Bolsonaro desenvolveu com as

redes sociais. Todavia, novamente, prevalece a leitura de um conjunto de percepções *racionais* ao invés de um maior questionamento sobre a lógica das redes. É creditado a dois aspectos o sobressalto da candidatura Bolsonaro em 2018: 1) ao boca-boca, esforço da campanha em criar uma situação de horizontalidade entre eleitores e *staff*, organização de grupos com o próprio candidato e apoiadores via *Whatsapp*, recepções corpo-a-corpo nos aeroportos, páginas de *Facebook* com conteúdo casado - ambas de posse da campanha etc.; 2) a esperteza de Marcos Carvalho (marqueteiro) e Carlos Bolsonaro na compreensão da lógica das redes - este inclusive já teria compreendido a potência dessa comunicação desde 2013 em um momento de iluminação (p. 142). A individualização da inspiração para a política nas redes afasta a autora de um maior questionamento sobre a lógica das plataformas e o contexto histórico que isso pode indicar;

3) Incorporando a premissa da autora, se Bolsonaro foi bem-sucedido em “guiar” o espírito de indignação desde 2013 até sua candidatura em 2018, maior parte de seus discursos foram modulados em reação aos governos do PT. A ausência de uma maior descrição deste inimigo anunciado por Bolsonaro nos relega a alguns trechos, “episódios” (p. 81) de ações governamentais sem contexto prévio (tão menos interpretação) que comprometem a análise do período. Por exemplo: a existência ou não de *Kit Gay* nas escolas (*Idem*; 185). O leitor desavisado poderia sair com dúvidas sobre momentos relevantes para a obra.